SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXX

AGOSTO DE 1974

N.º 352

Avulso Esc. 5$00

Comp. • Imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

PORTUGAL NA SUA VOCAÇÃO HISTÓRICA

— DAR NOVOS MUNDOS AO MUNDO

Preparam-se os Portugueses para conceder a independência que os povos de Angola, Guiné e Moçambique têm reclamado.

Presentemente, como todos o sabemos, decorrem as negociações que vão pôr termo ao domínio do nosso País naquelas paragens. Está-se escrevendo, portanto, mais uma página da História das Campanhas dos Portugueses no mundo.

Esses povos que, durante séculos, estiveram sob a égide de Portugal, decidiram eles próprios traçar o seu caminho no futuro. Há que inclinarmo-nos disciplinadamente perante essa expressão de um direito, que não é legítimo negar ou contrariar.

O Escotismo — movimento universal por excelência — poderá ser o vínculo que manterá ligados os laços de amizade e fraternidade que tanto europeus como africanos desejam que perdurem e até se intensifiquem.

Que os escoteiros de Portugal, de Angola, da Guiné, de Moçambique e do Brasil possam doravante ter o ensejo de se encontrarem nesse grande Jambori que deve ser a união dos jovens das nações da grande Comunidade Lusíada.

TEMPO DE REFORMAS

Por MARIANO GARCIA

Finalmente!

O nosso País, agora verdadeiro, é percorrido de lés a lés por um frémito de exaltação em que os homens, agora livres, vão tomando consciência da sua própria força e procuram participar activamente na reconstrução de uma sociedade por demais alienada e dividida para, só por si, saber traçar de imediato os caminhos mais convenientes que o povo, agora desperto, terá de percorrer.

As pessoas unem-se em grupos, começando a aprender que a voz colectiva tem inegavelmente mais força do que o desesperado grito individual. As instituições renovam-se e democratizam-se, procurando ir ao encontro dos desejos e necessidades de um povo carecido de muitas coisas.

Mas o caminho é longo e duro.

A estrutura de uma Sociedade organizada é processo demorado que não pode ser realizado apenas com o entusiasmo gerado pelo momento que passa ou na base da sabedoria de alguns e a aquiescência passiva das maiorias, mas assente, solidamente assente, no conhecimento e participação de todos, convenientemente esclarecidos e cientes daquilo que mais desejam.

Campanhas de alfabetização, sanidade e de esclarecimento das populações rurais mais afastadas dos centros urbanos estão já a ser organizadas, em iniciativas que partem, principalmente, de grupos estudantis que a esta actividade dedicarão o tempo das suas férias escolares.

A juventude tem uma palavra a dizer no processo de renovação da nova sociedade portuguesa. Da sua generosidade, da sua força, da sua isenção muito se poderá esperar.

Mas é forçoso que, antes, a nossa juventude se encontre a si própria, transpondo e adaptando para as realidades da nossa vida as virtuosidades teóricas das ideologias formadas a partir de experiências literárias. É preciso viver algumas dessas experiências e transformá-las em realidades palpáveis que possam ser aceites ou, pelo menos, consideradas pelos outros. E sobretudo é imperioso que os jovens fechem os olhos quando pensam e defendem a *sua verdade,* mas olhando em volta para considerar que também existem *as verdades dos outros,* credoras, portanto, do seu respeito e da sua atenção.

As virtualidades do diálogo terão de ser a ciência aprendida e ensinada por uma juventude consciente da força que representa a sua adesão ou repúdio a qualquer ideia.

O aproveitamento das potencialidades de cada um, independentemente da sua cor, credo ou convicção, terá de ser a técnica cultivada e transmitida por uma juventude apostada em quebrar barreiras que separam os homens.

A acção dos generosos jovens universitários não deverá confundir-se com a de vendedores ambulantes de cultura, semelhante à das bibliotecas itinerantes que passam de longe em longe, deixando um gosto bom, do qual em breve existe apenas uma saudade amarga.

Essa acção terá de ser a de uma perfeita integração nas realidades locais; recolha do maior número possível de elementos que, no momento e local próprios denunciem as situações, propondo para elas as soluções adequadas e justas; estabelecimento de bases reais que, sem fantasias, permitam uma continuidade da actividade local pelos meios próprios e construam para as aspirações culturais desses lugares distantes um caminho curto e directo que os ligue a meios culturais mais evoluídos.

E, acima de tudo, terá de existir uma forte convicção de comunicabilidade social, um calor humano

Continua na pág. 10

Escotismo em Moçambique

Grupo n.º 51 — Beira

A secção de vela recebeu cinco barcos «Vaurium»

Devido à extinção da M. P., por proposta do C. P. N. F., os cinco barcos «Vaurium», que pertenciam àquela organização, foram postos à disposição do «51» para instrução de velejadores. No entanto, o Grupo mantém a instrução a alguns velejadores que ali praticavam a modalidade, dado que sempre se afirmaram bons companheiros, sendo possível que alguns ingressem numa tripulação de escoteiros marítimos, que terá a sede no edifício do ex-centro de vela, que fica situada ao lado da sede dos escoteiros.

Uma boa acção dos escoteiros a favor dos doentes hospitalizados

Em virtude dos serventes e pessoal menor do Hospital Central Rainha D. Amélia ter entrado em greve, comprometendo gravemente a situação dos doentes internados, o Grupo 51, em face da situação desesperada, resolveu apresentar-se para servir à Direcção daquele estabelecimento, que imediatamente a aceitou com agrado.

Apresentaram 24 rapazes e 10 raparigas que, sob a direcção do Chefe do Grupo e do dirigente José Carlos Almeida, desempenharam sem desânimo e dedicadamente os serviços que lhes foram distribuídos, tais como: distribuição de refeições, telefones, lavagem de doentes, mudança de roupas das camas, transporte de doentes, assistência a crianças e velhinhos, limpeza de quartos, de corredores e salas. O trabalho dos escoteiros foi muito apreciado, tendo merecido do Director-Inspector de Saúde e Assistência, ao entrar no Hospital para a visita diária, a exclamação: *Nunca nesta casa me cheirou tão a lavado e a tanto asseio como agora.* O serviço dos escoteiros e escoteiras prolongou-se por dois dias e duas noites.

Terminada a greve, o pessoal agradeceu e felicitou os escoteiros pelo seu trabalho, na presença de dois jornalistas de um diário local, mas estes não só não aplaudiram os escoteiros, como tiveram palavras de censura, alegando que a intervenção dos escoteiros só viera prejudicar as reivindicações do pessoal em greve, obrigando-os deste modo a apresentar-se ao serviço sem resolver as suas petições, não tendo a imprensa feito qualquer referência ao serviço executado pelos escoteiros. Parece que, para estes jornalistas, a assistência e a própria vida dos doentes hospitalizados tem menor importância que possíveis reivindicações salariais.

O serviço dos escoteiros, pelo seu fim altruísta e carácter eventual, nunca poderia prejudicar a greve, sendo muito discutível se seria justa uma greve que punha em risco a vida de doentes, demais numa época em que a higiene é essencial para prevenir epidemias.

Exoneração do Presidente do Grupo

Por ter retirado para a Metrópole, deixou a presidência do Grupo o sr. dr. António Manuel Alves Martins. Com eles partiram os seus filhos Pedro Miguel, João Nuno, Maria Paula, e Maria João, todos membros do Grupo, de quem escoteiros e dirigentes se despediram com muita saudade.

Chefe Alfredo Bandeira Rodrigues

Encontra-se no continente, em Vila Real de Santo António, sua terra natal, em gozo de férias, o chefe do grupo, na companhia de toda a sua família, que inclui seus filhos escoteiros e escoteiras do grupo.

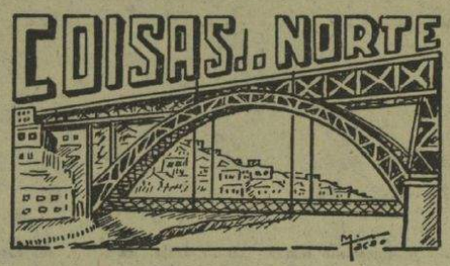
Durante a sua ausência, o grupo será orientado pelos chefes de tribo e de alcateia e seus adjuntos, ficando a parte administrativa a cargo dos chefes Aníbal Horta e João Alberto Teixeira, antigos dirigentes dos grupos 84, Entroncamento, e 17, do Porto. — *A. R. H.*

Os escoteiros de Lourenço Marques colaboram na limpeza das ruas da cidade

O pessoal da limpeza de Lourenço Marques, por motivo de uma greve, abandonaram a cidade e recolheram às suas terras de origem, aguardando a solução da crise.

Com as ruas atulhadas por enormes quantidades de lixo, o que tornava a situação insustentável, houve necessidade de serem tomadas medidas de emergência. Num louvável espírito de colaboração, os escoteiros ofereceram os seus préstimos, removendo grandes quantidades de lixo.

N. da R. — *Os Regulamentos das associações escoteiras determinam que os Grupos não podem intervir em movimentos grevistas, exactamente para manter a sua neutralidade. No entanto, em face de um problema de saúde pública, em que os ideais humanitários se devem sobrepor a considerações regulamentares e a reivindicações de imediato interesse material, parece só de louvar a atitude dos Escoteiros e Escoteiras do Grupo 51 e dos de Lourenço Marques. Pena é que as paixões tornem por vezes os homens tão duros e insensíveis ao sofrimento alheio.*



Actividades Regionais

Curso Básico para Formação de Chefes

Conforme o programado, realizou-se este Curso, sob a orientação dos E. C. D. Arnaldo Eduardo Couto, Chefe Regional, e E. C. I. M. Dr. Fernando de Meira Ramos, Chefe da Formação e Treino da Região. Este curso, que teve a inscrição de 15 elementos, efectuou-se na sede regional, prolongando-se durante sete sessões no passado mês de Junho.

Exercícios em Santo Tirso

No dia 14 de Julho, efectuou-se nesta vila uma das actividades previstas para o passado dia 27 de Abril, integradas nas comemorações do Dia de S. Jorge. Alguns grupos da Região acamparam, em terreno anexo à Câmara da vila, a partir do dia anterior. Os objectivos principais da referida actividade tinham por finalidade movimentar escoteiros e caminheiros através das artérias de Santo Tirso, de modo a interessar a curiosidade da população. Os trabalhos constantes do programa principiaram às 10,30 horas, dele fazendo parte os exercícios «OPERAÇÃO OLHOS» para escoteiros e «OPERAÇÃO TERRA» para caminheiros.

Tomaram parte nestas provas cerca de 90 elementos dos grupos n.ºs 4, 15, 17, 26, 35, 38, 41, 44, 91 e do grupo em formação de Fânzeres.

Às 16 horas, iniciou-se a festa de campo, durante a qual foram apresentados jogos e canções escotistas muito apreciados e aplaudidos pelos espectadores tirsenses, que se juntaram na Praça Dr. Délio Santarém, onde se efectuou a festa.

Seguidamente, procedeu-se à indicação e leitura dos relatórios dos exercícios classificados em primeiro lugar, nas divisões escoteira e caminheira, sendo nomeados «Cavaleiros da Ordem do Colar do Chefe» o Guia da Patrulha Cuco do Grupo n.º 15, José Manuel Oliveira Santos e o caminheiro do Grupo n.º 41 Maximiano Artur Ferreira dos Santos, aos quais foi aposto o Colar, que lhes confere o grau de Cavaleiros.

Prestaram Compromisso de Honra os aspirantes do Grupo n.º 4 Rui Monteiro Ferraz e Joaquim Nelson Lima, do Grupo n.º 15 Manuel Oliveira e Silva, José António Neves Melo, Delmar José Pinto Pereira de Sousa, Henrique Manuel Patrício Pereira de Sousa e Paulo Miguel Oliveira Peres.

Após aquelas cerimónias, os elementos dos grupos presentes confraternizaram e regressaram aos seus lares.

Inauguração do Grupo N.º 38

Nos dias 5 e 6 de Julho passado foi inaugurado o Grupo n.º 38 dos Escoteiros de Portugal, instalado na Paróquia Experimental de N. S. da Boavista, no Porto. No dia 5 realizou-se um Fogo do Conselho, seguindo-se uma vigília na igreja da paróquia. No dia seguinte, efectuaram-se as cerimónias da Promessa e do Compromisso de Honra dos elementos do novo Grupo, após o que se realizou a festa de confraternização, tendo colaborado em todas as actividades os chefes e escoteiros da maioria dos grupos desta Região.

XVII Jambori no Ar

Foi nomeado Adjunto do Organizador Nacional do XVII JOTA, o nosso delegado no Norte, Jorge Dias Fernandes, que estará ao dispor dos grupos desta Região para fornecer quaisquer elementos de que necessitem. Entretanto, aguarda-se a melhor colaboração de todos de forma a que, nos dias 19 e 20 de Outubro próximo, esteja presente nos trabalhos do Jambori no Ar o maior número possível de escoteiros.

A exemplo de anos anteriores, haverá um carimbo comemorativo do XVII Jambori no Ar, que será aposto no dia 19 de Outubro na sede do Grupo n.º 15, à Rua Barão de S. Cosme, n.º 223.

DE ANGOLA

Agrupamento 271 (CNE) — Malange

VISITA DO LOBITO — Durante a estadia na cidade do Lobito, o chefe Amaro João visitou as sedes do agrupamento 359 (CNE) e do grupo 40 (AEP), onde foi bem acolhido e verificou o entusiasmo e dinamismo de todos os seus elementos.

PROVA DE CORTA-MATO — Nos dias 10 e 11 deste mês, os escoteiros deste agrupamento realizaram uma digressão no sistema de uma prova de corta-mato, dirigido pelo chefe Vítor Rocha. A excursão terminou com um bivaque nos terrenos anexos à Casa do Gaiato.

CONSTRUÇÕES DE MODELOS ESCOTISTAS — Como actividade de férias, o chefe Barbosa organizou um concurso de Construções de Fósforos de Motivos Escotistas, a que podem concorrer os lobitos do agrupamento. Em Setembro, serão expostos os melhores trabalhos concorrentes.

XVII JAMBORI NO AR — Os escoteiros deste agrupamento aguardam com alguma impaciência o próximo Jambori no Ar, em que esperam ter ainda melhor actuação que no ano anterior. Que seja assim, são os nossos votos.

PÁGINA DO ESCOTEIRO



Carta a um Guia de Patrulha

Meu caro Guia:

Li com atenção a tua carta e compreendo perfeitamente os teus queixumes. Gostarias de ver o teu Grupo dirigido com mais entusiasmo, tomando constantemente novas iniciativas e repetidas actividades. Tens razão. Era bom que assim fosse, mas as coisas nem sempre podem ser feitas como nós desejamos. A vida hoje exige muito das pessoas que têm responsabilidades de família e o teu Chefe, um escoteiro dedicado, tem de estar à altura dessas responsabilidades. Por isso lhe falta tantas vezes tempo para se dedicar ao Grupo.

Mas, repara, o importante, o mais importante, no Grupo é a Patrulha. O teu Grupo será aquilo que as suas patrulhas forem. Foste investido como Guia, certamente por escolha dos rapazes da mesma patrulha. Isto significa que te foi dada confiança para promover a actividade dessa família unida que quer fazer Escotismo. Pois bem, não penses mais nas responsabilidades dos dirigentes do Grupo e lança a tua patrulha ao trabalho. Pensa na tua Patrulha, estima os teus companheiros, promove iniciativas, realiza boas acções, sai para o campo e verás como em breve todos estarão satisfeitos. Nunca te esqueças que o mais importante é a tua Patrulha.

Um abraço do teu amigo

sempre pronto

LOBO DA MONTANHA

Especialidade de Guia da Região

Por BICHO DA MADEIRA

1.º *Ter conhecimento geral da região em que vive, num raio de 10 km. Para os grupos das cidades, a distância é de apenas 5 km, com excepção de Lisboa, Porto e outras grandes cidades, em que o raio será de 2 km.*



Para se ter um conhecimento geral da região em que vivemos, é necessário que percorramos essa mesma região, anotando, por escrito e na memória, os pontos principais que possam servir para referências.

É conveniente que o escoteiro arranje uma carta topográfica do local onde vive e, só depois comece a preparar esta especialidade.

Na carta topográfica, que deve ser, se possível, duma escala pequena, serão apontadas todas as notas dignas de interesse e que irão facilitar o desenvolver da prova.

Caso não haja uma planta de escala pequena, será necessário fazer um esboço de todos os caminhos que se situem até 200 metros ao redor da sede.

Claro que os escoteiros que não habitem nas grandes cidades devem ampliar o esboço citado até onde os caminhos confinem com a área dos 10 km.

Continua no próximo número

Quais são as figuras do Monumento dos Descobrimentos?

(Continuação)

Continuamos a fornecer um breve apontamento sobre a biografia das figuras representadas no Monumento dos Descobrimentos que se ergue em Belém (Lisboa):

INFANTE D. HENRIQUE: a figura central do monumento. Genial promotor dos descobrimentos dos Portugueses. Nasceu no Porto em 4 de Março de 1394. Era o terceiro filho d'El-rei D. João I e de D. Filipa de Lencastre. Em 1415, em Ceuta, depois de ter sido o primeiro português a entrar naquela praça após a sua conquista, foi armado cavaleiro por seu pai. Figura muito controversa, desempenhou papel de muito relevo na história da expansão portuguesa. Instala-se em Sagres, onde se dedica aos seus projectos acerca das viagens dos navegadores portugueses de Quinhentos, que orientou durante largos anos, tendo morrido em 1460 na vila por ele fundada, a «Vila do Infante», junto a Sagres.

(Continua)

Chamada aos Guias de Patrulha



O Movimento Escotista assenta a sua base nas patrulhas de escoteiros. As patrulhas valem o que valer o seu guia. Logicamente, o Movimento será bom ou medíocre da mesma forma que os guias das patrulhas forem ou não capazes de desempenhar a sua tarefa.

Não dizemos nada que não tenha sido repetido inúmeras vezes.

Porém, hoje precisamos de alertar os guias para o facto de serem eles os principais intérpretes do Escotismo junto dos rapazes.

Será B.-P. que mais uma vez vos dirigirá a palavra e será o Fundador que vos alertará.

O Guia de Patrulha

Cada patrulha escolhe um rapaz para Guia. Chama-se Guia de patrulha. O chefe espera muito do Guia e dá-lhe carta branca para executar os trabalhos da patrulha. O Guia de patrulha escolhe outro rapaz para seu ajudante. Este chama-se subguia. O Guia é responsável pela eficiência e aprumo da sua patrulha. Os escoteiros desta cumprem as suas ordens, não com receio de castigo, como muitas vezes acontece com a disciplina militar, mas porque constituem um todo que joga em conjunto e que apoia o seu Guia para honra e êxito da patrulha.

E o Guia de patrulha, ao instruir e dirigir a sua patrulha, está a alcançar experiência e prática para poder aceitar responsabilidades.

Depois, além de instruir a patrulha, o Guia tem de a dirigir, isto é, precisa de valer pelo menos tanto como qualquer escoteiro nas diferentes tarefas que eles têm de fazer. Não pode nunca mandar fazer qualquer coisa que ele próprio não faria e nunca deve censurar ninguém, mas despertar o entusiasmo e a acção voluntária de todos, animando-os alegremente nos seus esforços.

Em todos os misteres se precisa de jovens a quem se possam confiar responsabilidades e funções de mando. Por isso o Guia que dirigiu a sua patrulha tem muita probabilidade de alcançar êxitos na vida, quando entrar no mundo da actividade.

A maior parte das actividades da patrulha consta de jogos e de práticas pelas quais os escoteiros alcançam experiência.

UMA PALAVRA AOS GUIAS DE PATRULHA

Quero que vós, Guias de patrulha, instruais as vossas patrulhas inteiramente por vossa iniciativa, porque vos é possível conquistar cada um dos rapazes da patrulha e fazer dele um homem bom. De nada serve terdes um ou dois rapazes excelentes, se o resto não prestar para nada. Deveis procurar torná-los a todos razoavelmente bons.

O meio mais eficaz para o conseguir é o vosso próprio exemplo, porque o que vós mesmo fizerdes os vossos escoteiros farão também.

Mostrai-lhes que sabeis cumprir ordens, quer vos sejam dadas verbalmente, quer sejam impressas ou escritas, e que as executais, quer o vosso chefe esteja presente quer não. Mostrai-lhes que podeis alcançar distintivos de especialidades, e os vossos rapazes irão atrás de vós sem precisardes de os convencer. Mas lembrai-vos de que os haveis de guiar e não empurrar.

B. P.



Dr. Francisco Cortês Pinto

Em 30 de Julho p. p., o movimento escotista perdeu um dos seus melhores amigos, o sr. Dr. Francisco Cortês Pinto.

Doente há longos meses, o seu desenlace era esperado.

O Dr. Cortês Pinto dedicou sempre uma especial simpatia aos escoteiros, cujo movimento protegeu e a que presidiu durante largo tempo.



Nasceu em Leiria em 1885 e licenciou-se em Medicina na Universidade de Coimbra.

Tendo vindo para Lisboa, aqui desenvolveu notável actividade, fundando em 1911, em colaboração com seu cunhado, major Horácio Pimentel, o conhecido Laboratório Sanitas, assim como outras empresas a esta associadas, que têm desempenhado relevante papel dentro da nossa economia.

Muito dinâmico, foi eleito presidente da Associação Industrial Portuguesa e, mais tarde, da Feira das Indústrias Portuguesas, lugares que ocupou praticamente até o fim da sua vida, dado que só a sua muito precária saúde o obrigou a resignar a tais lugares, tendo sido então unanimemente eleito presidente honorário.

Como oficial médico, distingiu-se nos Serviços de Saúde que apoiaram as tropas portuguesas em Angola e na Flandres, durante a Grande Guerra, o que lhe valeu os mais altos galardões.

Dentro do movimento escotista era o Dr. Cortês Pinto uma personalidade a quem todos os escoteiros dedicavam particular estima, ao que ele correspondia com não menor afeição, apoiando fielmente o nosso movimento, desde as épocas mais difíceis da sua história. Os escoteiros mais antigos lembram-se dos muitos acampamentos realizados na Quinta da Fonte, em Benfica — a célebre *Quinta da Formiga* — propriedade do Dr. Cortês Pinto que generosamente pôs à disposição dos escoteiros durante anos e que, mercê das excelentes características e dimensões que possuía, pôde ser ali realizado um Acampamento Nacional.

Em 25 de Outubro de 1938, o Dr. Cortês Pinto assumiu a presidência da Associação dos Escoteiros de Portugal, que ocuparia até 1942. Mais tarde, acedeu a aceitar o lugar de presidente do Tribunal de Honra da AEP, onde se manteve de 1948 até agora.

Também a Fraternal dos Antigos Escoteiros mereceu o interesse do Dr. Cortês Pinto. Quando foi formada esta organização dos antigos escoteiros (1950), logo o Dr. Cortês Pinto assume a vice-presidência do Conselho Nacional, sendo o Com. Melo Machado o presidente, e, tendo-se acentuado a doença que acometeu o fundador do escotismo em Macau, o Dr. Cortês Pinto ascende à presidência em 1960, cargo a que por sua vez resignaria no ano transacto, também por motivo da doença que já o afligia.

Homem de palavra fácil, bom conversador e com larga experiência, muito viajado, de trato lhano e sempre de inalterável correcção, era uma presença sempre estimada e escutada.

Sempre Pronto também tem a honra de o ter sempre contado entre os seus mais dilectos amigos, pois correspondia sempre aos convites que este jornal em diversas oportunidades lhe fez para presidir a sessões por *Sempre Pronto* promovidas. Foi numa dessas sessões que proferiu uma afirmação que bem define a sua atitude face ao movimento escotista. Disse o Dr. Cortês Pinto: «*Há muitas pessoas que me perguntam porque, tendo eu o tempo tão ocupado, estou sempre presente em todas as manifestações escotistas. A esses respondo que, junto dos escoteiros, eu venho beber da sua alegria. E os escoteiros têm alegria porque ela advém do dever cumprido. Não há santidade sem alegria. O cultivo da educação pela alegria é o cultivo da educação na virtude. Quando procuramos tornar-nos úteis, conseguimos o direito de ser felizes*».

O Dr. Cortês Pinto era casado com a sr.ª D. Maria Emília C. Baião Cortês Pinto e pai das sr.as D. Maria Elvira Cortês Pinto Seixas, casada com o sr. Fernando Carvalho Seixas, e D. Maria Emília Cortês Pinto Segarra Marques, casada com o sr. José Segarra Marques. Tinha também vários netos, por quem sentia grande enlevo.

Sempre Pronto manifesta a toda a família em crepes o seu muito pesar.

Fernando S. Azevedo Aguiar

Também chegou agora ao nosso conhecimento de que ocorreu, já há alguns meses, o falecimento deste nosso camarada, antigo escoteiro do Grupo 85.

À família enlutada apresentamos as nossas condolências.

Júlio dos Santos Trindade



No princípio do mês corrente, faleceu também este antigo escoteiro, que pertenceu ao Grupo 1 na sua fase inicial.

Este nosso camarada, apesar da curta passagem pelo escotismo, conservou sempre bem ateada a chama do nosso ideal.

Era coleccionador nato. Possuía vasta biblioteca, com alguns raros espécimes, e uma colecção de pintura invulgar, em que se contavam valiosas telas de pintores portugueses de nomeada. Muito culto, foi dos primeiros esperantistas do curso que foi fundado na ACM.

Era sócio da firma Aires de Ornelas, Lda., a que ascendeu por mor da sua valia profissional.

Tinha 76 anos de idade. Era casado com a sr.ª D. Fernanda Cunha Trindade e pai da sr.ª D. Maria Manuela Cunha Trindade Soares dos Santos e do sr. Rogério da Cunha dos Santos Trindade, a quem *Sempre Pronto* apresenta pêsames muito sentidos.

★

Ligeiro perfil de um saudoso companheiro, recentemente falecido.

Não foi muito longa a sua permanência nas fileiras escotistas, mas deu uma magnífica contribuição para a consolidação do ideal que o acompanhou em todos os actos da sua vida.

Inscrito no 1.º Grupo (ACM) com o n.º 64, a sua carreira foi rápida até à 1.ª classe.

Foi subguia e guia da patrulha Melro e possuía um bom número de escolhidas especialidades, das quais deu sempre bom testemunho de capacidade.

A sua esmerada cultura foi, creio, a mais elevada até hoje naquele agrupamento modelo.

Esta qualidade sobressaía mais nas austeras reuniões de guias e muito em especial nas leituras dos relatórios de actividades exteriores na presença de todos os escoteiros, onde não faltavam as autocríticas, usadas para que cada rapaz fosse o primeiro a reconhecer os seus erros.

Sucediam naquele tempo acontecimentos políticos em que tínhamos de pôr à prova os nossos ensinamentos fraternais de socorristas, termo que não se usava então, mas que fazia parte da nossa preparação cívica: ser úteis ao semelhante, com risco da própria vida.

O nosso Trindade não faltava na sede, de prevenção, em que na sala principal se improvisavam macas com as peças do uniforme e equipamento.

Um desses acontecimentos mais memoráveis foi o 14 de Maio. Tudo estava preparado para que nesse dia seguíssemos para Madrid, a convite dos Boy Scouts de Espanha (assim se denominavam os escoteiros da nação vizinha) para assistir às festas de Santo Isidro, no número dos quais se contava este nosso malogrado companheiro. A luta foi desencadeada, junto à sede, entre as tropas fiéis ao governo, comandadas pelo General Gomes da Costa, e os revoltosos estacionados na Boa Vista e durou algumas horas.

A nossa intervenção valeu socorrer 19 feridos, mais ou menos graves e transportá-los para a Misericórdia, com os morosos e escassos meios da época.

A tarefa não ficou por aqui e, momentos depois, foi ordenada a transferência para o andar superior dos feridos recém-chegados e os que já lá se encontravam.

Em 1914, Trindade termina a sua carreira escotista para se ocupar do seu futuro e do de sua casa. Mas o seu interesse pelo movimento manteve-se sempre, tendo até ingressado na Fraternal, que muito apreciava.

Admitido numa empresa comercial, em breve ascendeu por mérito próprio a associado da firma, da qual se havia retirado há pouco tempo, por motivo da sua já precária saúde.

Fez parte do grupo que na ACM fundou o curso de Esperanto, na difusão do qual também bastante se distinguiu.

Dotado de esclarecida cultura, possuía boas relações entre intelectuais e artistas, como prova a sua enorme biblioteca e a grande colecção de quadros de diversos artistas e escolas, de que tive a honra de me ser oferecido um. A sua casa era um autêntico museu, com as suas 18 salas literalmente cheias e tendo ainda muitos outros trabalhos que aguardavam ser expostos, o que não chegou a ser realizado.

Faleceu com 76 anos. A sua heróica resistência deveu-se aos seus muitos cuidados e de clínicos dedicados, como numa ocasião tive a oportunidade de observar.

O último contacto que tivemos foi através de uma carta que conservo saudosamente. Entre várias referências, terminava:

Continua na pág. 6

CLUBES DE CAMPO

ACM OS CLUBES DE CAMPO DA A. C. M.

Noticiário

Realizou-se de 11 a 18 de Maio passado em Estrasburgo — França, organizado pela Aliança Europeia das ACMS, um simpósio sobre trabalho com a juventude.

Representaram Portugal os secretários José António Pereira e Luís Carlos Gonzaga. Além do nosso país, estiveram presentes a Alemanha, a Dinamarca, a Escócia, a França, a Holanda, a Itália, a Noruega, a Suécia e a Suíça.

Estiveram também presentes como países convidados, o Egipto, os Estados Unidos, a Índia e a Nigéria.

As reuniões de trabalho foram realizadas no Centro Europeu de Juventude da CEE.

A delegação portuguesa foi excepcionalmente bem recebida e grande era a expectativa pelas informações dos nossos delegados acerca do Movimento de 25 de Abril. Foi a primeira vez que Portugal se fez representar numa reunião da Aliança Europeia das ACM pois anteriormente todos os projectos de colaboração europeia estavam praticamente vedados.

Neste momento para a ACM de Portugal as portas das ACMS europeias estão abertas e promessas de ajuda e colaboração foram formuladas.

Outro aspecto muito importante para o nosso movimento, foi que o Campo de Foz de Arouce passou a ser considerado Campo Internacional. É assim o 5.º Campo Europeu a receber tal designação.

Também, como nota muito significativa, foi o desejo expressado pelos dirigentes da Aliança Mundial e da Aliança Europeia de em breve visitarem oficialmente a Aliança Nacional de Portugal.

Uma nova ACM está a nascer

Um grupo de habitantes do Concelho da Lousã reuniu, no dia 14 de Junho, no Clube de Campo em Foz de Arouce, para estudar a fundação da ACM da Lousã. A reunião foi presidida pelo sr. Conde de Foz de Arouce, que, ao abrir a sessão, expressou a sua satisfação por esta iniciativa e agradeceu a presença de todos.

Deliberou-se nomear uma comissão instaladora da ACM da Lousã que ficou constituída pelos seguintes elementos: sr. Gualter Barreto, José Redondo, Padre Manuel, João Franca, José Afonso, Manuel Cabral e Carlos Barbosa.

Esta comissão encontra-se já a trabalhar, de modo a permitir, no mais breve possível, a inauguração da ACM da Lousã.

Mulheres interessadas em trabalhar pela causa nacional

reuniram-se em Foz de Arouce — Lousã

Como foi largamente noticiado pelos órgãos da informação, realizou-se, no dia 9 de Junho, no Clube de Campo de Foz de Arouce, uma reunião de um grupo de Mulheres Portuguesas para analisarem a possibilidade de utilizar os seus tempos livres em prol do desenvolvimento social das comunidades onde actuam.

Este movimento partiu de um grupo de mulheres de Leiria, que se deslocaram à Emissora Nacional, em Coimbra, para oferecer o seu trabalho à Causa Nacional.

A iniciativa propagou-se rapidamente a todo o país. No entanto, as diferenças intrínsecas de cada região, de cada núcleo social e cultural condicionaram necessariamente os objectivos e as necessidades primordiais a serem atendidas.

Indo ao encontro desta necessidade, a Aliança Nacional das ACMS de Portugal solidarizou-se, desde a primeira hora, com o movimento, pondo à disposição as instalações do Clube de Campo em Foz de Arouce.

No final da reunião, foi redigido um comunicado que foi distribuído pelos órgãos da informação.

«A Oportunidade Social das A. C. M.»

por EDUARDO MOREIRA

António Allegri Corregio, o maior pintor da escola lombarda, ao contemplar pela primeira vez a *Santa Cecília* de Rafael exclamou: «Anch'io sono pittore!» E há tanta beleza, tanta grandeza e tanta força de expressão nesta frase, que ela é talvez a mais célebre para os apaixonados da crítica da pintura.

«Eu também sou pintor!» Como quem diz: É a minha maior glória, o meu prazer maior, a minha razão de existência, o meu alvo de acção, viver pela Arte que produziu esta admirável tela e o seu genial criador!

Pois, senhores: A obra das A. C. M. tende a desenvolver-se no espaço e na essência, em quantidade e em qualidade de resoluções, em firmeza de planos e em beleza de resultados, realizando no campo da acção o ideal dum cristianismo tão humano e tão acessível a todas as consciências, tão empolgador de todos os caracteres, que forçará cada um a exclamar: «Eu também sou cristão!»

Parece-me que assim se formula a *oportunidade social das A. C. M.*

Época construtiva por excelência deve ser esta, quando ruiu a enorme fábrica duma civilização que coexistira com ideais demolidores. Nem todos o realizam assim, ainda, mas todos já sabem dizê-lo, e isso é de facto o princípio da vitória.

O Trabalho é como que o tronco inicial do esquema pois ele ajudará a levantar o carácter abastardado e fomentará e activará a Produção diminuída.

Sabemos entretanto nós, os cristãos, que sem um ideal moral não são bastantes para salvar um povo, uma raça, uma geração, as combinações que se façam nesse sentido material mas compreenderemos decerto que é o nosso ideal que insuflará vida num programa social dessa natureza e o tornará eficaz.

A A. C. M., tem diante de si um programa belíssimo em Portugal, fazendo sentir ao comércio e à indústria que o seu *curriculum* de educação integral lhes fornecerá os braços adestrados, os cérebros desenvolvidos e os corações fortalecidos dum bom pessoal, sem o qual patrões e gerentes *nada podem.*

Portugal precisa de Trabalho? Dêmos-lhes os trabalhadores. Precisa de *Caracteres*? Formemos o Carácter da mocidade.

Época construtiva e não destrutiva deve ser a nossa. Estudemos o caso no campo da religião, principiando por uma alegoria singela. João Homem, o filho de Maria Terra, caminha pelo estrada do Preconceito em busca da alfaia com que pretende cultivar o seu quinchoso. Errou o caminho, pois a boa alfaia, marca X P, vende-se em Veritópolis, e nunca João Homem lá chegará por aquele caminho. Passa ele por um sujeito macambúzio e misantropo e, como vai hesitante, apesar da cara de poucos amigos que possui o tal sujeito, dirige-se-lhe a inquirir se por ali irá bem. Mas a resposta pronta e seca, cruel de laconismo, precisa como o gume duma espada mas negativa como o próprio vácuo, é esta: «Não, senhor, não é por aqui. Este caminho pelo contrário é péssimo». Coçando a cabeça, tomado de desânimo, contemplando a encruzilhada, João Homem não sabe que fazer. Outro viajante passa e ele não tem coragem de lhe fazer perguntas. Mas este, que tudo vira e percebera, aproxima-se e diz-lhe: «Meu amigo, o caminho de Veritópolis é aquele que além vê». João Homem não hesita mais; agora caminha alegre e confiante, pois sabe para onde vai.

De facto, o dogma negativo e a propaganda demolidora pouco fazem avançar no caminho da Verdade; mesmo que se pretenda construir paralelamente, quando a feição demolidora tem primazia, fraco re-

Continua na pág. 6

CLUBES DE CAMPO

Continuação da pág. 5

sultado é o da construção. Cinquenta anos de esforços principalmente demolidores valem menos em benefício social que um ano de construção.

O radicalismo religioso como o político em Portugal foi caracteristicamente demolidor; talvez por isso não tenhamos a constatar maiores progressos de verdadeira e sólida liberdade social e de bem firmadas práticas de tolerância religiosa e fraternidade cristã.

As A. C. M., estruturalmente tolerantes e construtivas na sua feição de trabalho, vêm oferecer a sua quota de acção ao pensamento nacional, para a nova fase de existência que Portugal empreenderá forçosamente, para não morrer. Compenetremo-nos dessa necessidade, desse critério e dessa missão, para sermos dignos da época histórica em que tivemos o privilégio de surgir à luz!

Da *coragem de afirmar* falou o Eça, talvez que não no melhor sentido. Mas a frase fica como a fórmula duma necessidade moral de grande alcance. Afirmar verdades é construir. Afirmar foi a obra de José no Egipto; de Josué em Canaã, de Jesus ante Pilatos; de Paulo ante Agripa; do Cristianismo ante o mundo. Não é o afirmar dogmático a que me quero referir, mas o afirmar da crença e o afirmar da acção.

Esta a temos já em Portugal, no campo social, ainda que incipiente: na obra a favor dos soldados, na obra entre os estudantes, na secção social das nossas Associações. Outro aspecto da questão é a propaganda de ideias, importantíssima nos tempos que correm e que no nosso país tem um valor decisivo. Apesar da grande percentagem de analfabetos entre nós, os que lêem têm o vício da imprensa periódica. Dêmos-lha também.

E agora, meus amigos, deixai-me terminar com uma anedota histórica, que é o reverso e o complemento daquela com que abri as minhas despretensiosas considerações: Lineu fora a Paris, sem se anunciar, para conhecer *de visu* Jussieu, que atraía à Sorbonne multidões de ouvintes gulosos da sua palavra brilhante e do seu saber profundo. Sentado modestamente num dos últimos bancos da aula, escutou uma demonstração minuciosa sobre determinada planta, até que, tendo o prelector perguntado se alguém a poderia classificar, certo de que tal era impossível, se levantou e respondeu com a ciência que tão natural era nele. Então o émulo do grande naturalista, tomado de assombro, exclamou: *Tu est Linneus!* Ao que Lineu contestou: *Ego sum!* A obra das A. C. M. é criar jovens que de tal maneira procedam na vida que seja o seu melhor título de glória o mundo exclamar também ao vê-los e ao ouvi-los: *Tu és cristão!* e a sua mais nobre tarefa poder respondeu-lhe: *Eu o sou!*

Disse.

*

O texto transcrito acima é um excerto da tese apresentada no Congresso da ACM no Porto em 1923, pelo Secretário-Geral da ACM, Rev. Eduardo Moreira. Pouco é hoje conhecido e divulgado o trabalho excelente que a ACM realizou durante a Primeira República. Vamos procurar, a partir desta data, trazer aos nossos associados factos que constituem a história da ACM em Portugal.

Que o texto reproduzido do jornal «Triângulo Vermelho», então órgão oficial da Aliança Nacional da ACM de Portugal, no número 20 de *Abril de 1923*, seja uma simples homenagem a um dos mais distintos «leaders» de que a ACM se pode orgulhar.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

A Junta Central do CNE pediu a demissão durante o último Conselho Nacional, pelo que esta associação está sendo dirigida por uma Comissão Executiva.

No Conselho Nacional realizado em Fátima em 7 de Julho último, a Junta Central do CNE apresentou a demissão, tendo sido então nomeada uma Comissão Executiva que dirigirá esta associação até às próximas eleições, comissão que ficou assim constituída:

António Duarte de Almeida, António Xavier de Oliveira, Carlos Aleixo Viegas, Carlos Artur Caldas de Oliveira, Carlos Francisco da Piedade Marques, Francisco Pessoa de Sousa Dias, Henrique Ernesto Meca Alegria, Manuel António Velez da Costa, Manuel Joaquim Miranda Fernandes, Tarcílio da Silva Gonçalves Rodrigues, Vasco Pereira da Silva e Vítor Manuel de Oliveira Faria.

Foi criada uma Divisão Transitória que se encarregará de consultar os dirigentes acerca da alteração dos estatutos, elaborar o processo eleitoral e promover as eleições. Outros grupos de trabalho criados: divisão administrativa, divisão financeira e divisão pedagógica.

Júlio dos Santos Trindade

Continuação da pág. 4

«Não quero que o meu funeral seja anunciado (...) não devo durar mais de dois anos». Por pouco que acertou no seu triste vaticínio.

Bastante assíduo no meio evangélico de Santa Catarina em tempos, mas segundo o seu testemunho creio que terminou os seus dias num misterioso misticismo, cuja finalidade nunca cheguei a atingir.

Que Deus o tenha em Sua guarda.

HUMBERTO MARTINS



O caso da sede do Grupo 36, de Luanda, e a campanha de alfabetização e de educação sanitária

Do nosso estimado amigo e assinante sr. Vasco António da Silva Antunes recebemos uma carta em que este antigo dirigente escotista nos diz:

«Li a pág. 11 do seu n.º 349, de Maio de 1974, o que aconteceu ao Grupo 36, de Luanda, que no dia 19 de Abril passado recebeu a intimação para abandonar a sua nova sede no prazo de 12 horas, a fim de no local ser instalada uma antena de televisão.

Eu avalio bem o choque que os rapazes do 36 teriam recebido nessa altura e que agora profundamente me tocou, pois, ao ler a notícia foi como se tivesse sido um desses rapazes, visto que fui o fundador e primeiro chefe do Grupo em 1925, há 49 anos, tinha eu nessa altura 19 anos.

Peço que lhes transmita, logo que possa, a minha afeição e a minha solidariedade neste revés injustamente sofrido.

Aproveito esta ocasião para lançar daqui uma ideia que julgo poderá ser benéfica ao bom nome do Escotismo em Portugal e ajudará a pôr em prática os bons ensinamentos que o Escotismo nos dá.

Organizou-se recentemente uma Comissão denominada «Pró-União Nacional dos Estudantes Portugueses — UNEP», destinada a uma campanha de Alfabetização e Educação Sanitária nas regiões mais carecidas de instrução, educação e sanidade no nosso Portugal. Esta campanha já foi iniciada, creio que sob a direcção do Professor Lindley Cintra, por muitos estudantes, médicos, enfermeiros, etc., que já estão a trabalhar em várias zonas do País.

Seria uma óptima ocasião de os nossos rapazes dos vários grupos de Escoteiros espalhados pelo País mostrarem o quanto podem ser úteis, acampando nos locais em que têm lugar essas campanhas e coadjuvando as pessoas que nelas estão empenhadas. Juntariam o agradável das férias em acampamentos ao prazer de poderem contribuir na ajuda, de qualquer forma, a essa rapaziada e de exemplificarem o que significa a nossa divisa «Sempre Pronto».»

Este nosso prezado camarada termina as suas considerações, dizendo que não sabe se a sua ideia ainda virá a tempo. É possível que, para este ano, já não seja de aproveitar esta interessante sugestão, mas cremos que outras oportunidades ocorrerão em que os escoteiros portugueses poderão afirmar a sua presença e a sua vontade de bem servir, pois é de crer que nos próximos anos outras campanhas deste género sejam levadas a cabo.

Nessa altura, os nossos rapazes, bem como as dedicadas guias portuguesas, não devem perder o ensejo de mostrar o seu espírito de iniciativa, aproveitando a sugestão que em boa hora este nosso estimado amigo faz.

A adversidade, nobremente aceite, pode provocar o respeito dos outros, mas combatida corajosamente concita-lhes a admiração.

ALEXANDRE HERCULANO

Casamentos



No dia 31 de Julho último, realizou-se o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Fernanda Castelo Branco da Fonseca, filha da sr.ª D. Maria Hortense Castelo Branco da Fonseca e do sr. Fernando Pedro Costa da Fonseca, com o nosso estimado amigo e irmão-escoteiro Rui Horácio Filipe de Macedo, escoteiro-chefe ajudante do Grupo 94, filho da nossa estimada amiga sr.ª D. Maria Manuela dos Santos Filipe Macedo e do nosso velho camarada da equipa da administração de *Sempre Pronto* Capitolino Ferreira Macedo.

O acto religioso foi celebrado na Igreja Evangélica Presbiteriana de Lisboa, durante o qual o pastor sr. Manuel Pedro Cardoso proferiu a parénese, escutada com visível interesse por todo o auditório.

Foram padrinhos, por parte da noiva, os seus Pais, e por parte do noivo, o sr. Dr. José de Almeida Ribeiro e sua esposa, sr.ª D. Maria Isabel Bento de Almeida Ribeiro.

Aos queridos amigos que acabam de formar o seu lar, *Sempre Pronto* formula votos de longa e feliz vida.

★

No dia 9 de Junho p. p., também celebraram o seu casamento, na cidade do Lobito (Angola) os nossos prezados amigos sr.ª D. Amélia de Fátima e o sr. Amaro João Pereira Barbosa, mui digno dirigente do Agrupamento n.º 271 do CNE, de Malange (Angola) e nosso estimado assinante.

Igualmente fazemos votos das melhores venturas para este novo lar.

CONVERSANDO...

TEMOS QUE OPTAR

Quando, no princípio do corrente ano, resolvi aceder ao insistente pedido de alguns chefes de grupos de escoteiros, aceitando a liderança da Região Centro, animava-me a ideia de um esforçado trabalho, procurando ligar e estimular a actividade dos grupos, alguns deles evidentemente carecidos de apoio técnico e até moral.

Longe da pretensão de resolver todos os problemas da mais diversa ordem que logo se me puseram, considerei necessário promover a ligação e o entendimento ao nível dos grupos, diligenciando que dessa actividade conjunta resultasse o aperfeiçoamento dos dirigentes menos experientes, uma vez em contacto com outros de melhor preparação.

Também os escoteiros beneficiariam de uma actividade mais intensa, mais variada e, por isso mesmo, mais completa, realizando assim muitos dos seus anseios, criados pela visão de aventura que o Movimento lhes proporciona.

Contrariei, por isso, toda a estrutura de uma Região burocratizada, preocupada na recolha e controle estatístico de elementos escritos, de resultados por vezes bem duvidosos.

Pretendi, sobretudo, que a Região fosse Escotismo vivo, já que ela não é senão a vida dos grupos, apreciada no seu conjunto.

Tal plano foi geralmente aceite por todos os dirigentes dos grupos e a ideia de um trabalho de entreajuda nasceu naturalmente como resultado de algumas reuniões havidas, tendo em vista prestigiar o Movimento através de uma melhoria gradual da qualidade do trabalho que por alguns lados se realiza.

Nessa base se planearam os mais diferentes tipos de actividades experimentais. Dos escoteiros, não há dúvida que a resposta foi bastante positiva e do entusiasmo da sua participação espontânea se pode subtrair a validade do processo em evolução. Mas a adesão dos chefes dos grupos tem sido francamente desanimadora.

Ignorando animosidades e angariando colaborações, tenho pretendido alhear-me de ostensivas faltas às regras do «jogo» proposto. Se tais regras não são, de momento, as desejadas, existe sempre a possibilidade de o demonstrar lealmente e não demorará por certo a mais válida correcção, a partir da apreciação colectiva.

Entretanto, uma mudança radical teve lugar no nosso País e com ela a quebra do conceito de paternalismo e de submissão a que porventura todos estávamos sujeitos, permitindo às instituições que valham apenas por aquilo que são e pelo que realizam.

A A. E. P., como todas as outras associações juvenis, não é mais uma entidade subordinada a uma força única de padrões uniformes e finalidades mais do que duvidosas.

A A. E. P. é uma Associação livre que serve o Escotismo e os escoteiros, procurando que eles sejam o vivo exemplo de uma juventude que confia nos destinos da sua Pátria e trabalha com alegria e entusiasmo para um mundo melhor, fazendo ponto de honra do ideal que o Movimento encerra, método educativo provado universalmente desde há mais de 60 anos.

Ao Escotismo só interessam os que acreditam no Escotismo.

Passou a época dos lugares suportados com enfado para agradar a este ou àquele, na mira de um contacto mais facilitado ou de uma compensação mais proveitosa. O sacrifício dos dirigentes deve aproveitar unicamente aos jovens que se nos confiam, sedentos de aventura num jogo educativo que não tem paralelo e que eles, o mais das vezes, mais adivinham do que observam nos processos tacanhos de muitos dos dos nossos dirigentes.

Os grupos de escoteiros devem ser Escotismo autêntico, abertos ao amor e à convivência entre os homens de boa vontade; alfobres da formação de uma juventude carecida de apoio.

São estas as regras essenciais do «jogo». Quem não souber ou não desejar respeitá-las, nada mais tem a fazer do que retirar-se.

Prestem-nos, ao menos, esse último serviço.

MARIANO GARCIA

ATENÇÃO AO JAMBORI NO AR!

Escoteiros:

Não esqueçam que é no fim-de-semana de 19 e 20 do próximo mês de Outubro que se realiza o XVII Jamboree no Ar e é preciso estar preparado para tomar parte nessa actividade.

Qualquer informação sobre o JOTA deve ser pedida ao Organizador Nacional, para o seguinte endereço:

ECD Justino Estêvão da Silva
Rua 1, à Rua Bastos Nunes, n.º 2 — 1.º esq.º
QUELUZ

CRISE

Pelo DR. F. DE MEIRA RAMOS

Vieram-nos às mãos duas folhas policopiadas que se dizem provenientes da Junta Regional de Lisboa (que se entende ser do C. N. E.) com o título «Contacto», o n.º 37 e a data de Julho de 1974. Em estilo «sincopado», de reticências e interrogações sem resposta, como é agora moda em certos meios, tal panfleto consegue dar-nos a ideia de que as coisas não correm bem lá pelos estratos directivos da associação confessional.

O sintoma do mal ou um dos males revela-se desde logo pelo aparecimento desse próprio «contacto». Na verdade não se mostra haver uma, ainda que frouxa, justificação para a publicidade pretendida e alcançada de problemas que bastava serem do conhecimento daqueles que lhes podem dar solução.

Com esta falta de recato está, porém, ligada a notícia da «eleição do Chefe Regional de Lisboa» que representa não só uma actuação anti-estatutária e anti-regulamentar, como, acima de tudo, anti-escotista. Anti-estatutária e anti-regulamentar porque contrária ao espírito, mais do que à letra, do Estatuto e Regulamento Geral do C. N. E. Anti-escotista porque todas as associações visam a aproximar os grupos (*) de escoteiros, garantindo-lhes uma unidade de espírito e permitindo ou favorecendo a expansão do Movimento através das mais variadas ajudas. E, se a solução ideal seria a existência de uma única associação em cada país, embora podendo realizar-se a unidade através de federações (existentes noutros países e a desejar cada vez mais no nosso) já se vê que não podem considerar-se escotistas as cisões, muito menos quando originadas por legítimos reparos de superiores ou por falta de satisfação de vontades próprias e sobretudo quando resultante de discordâncias maioritárias. Ora eleger um Chefe Regional é tornar a Região dispensada de receber a nomeação do representante da direcção da associação, é transformar a Região numa associação separada da hierarquia escotista.

O outro aspecto da mesma crise, mesma e até por isso nem mais nem menos grave que o já referido, é o do modo como funcionou o Conselho Nacional do C. N. E. em que apresentou a sua demissão ou foi pressionada a demitir-se toda a Junta Central, o qual, como de costume e está aliás regulamentado, reuniu em Fátima e nos dias 6 e 7 de Julho.

Queixam-se os daquela Junta Regional dum documento elaborado pelo Assistente (eclesiástico) Nacional Adjunto com 14 páginas e uma hora de leitura a que não foi admitida qualquer crítica ou comentário, o que originou o abandono da sala por alguns dos presentes... Queixam-se de, fora da ordem dos trabalhos, a Junta Central ter reunido durante três horas, até às duas da madrugada, somente com os «chefes regionais», excluindo os outros membros do Conselho Nacional. Queixam-se da «pressão exercida para influenciar o resultado final dos trabalhos, desde o trabalho já referido do Assistente Nacional Adjunto, à condução dos trabalhos da assembleia, passando pela homilia...» E dizem que «chegou-se ao almoço com risco grave de uma cisão associativa, situação que não foram os de Lisboa a sentir com clareza e exactidão, enquanto que essa grave palavra foi utilizada como ameaça» (Mas esclarecem: «Não por nós, claro...»).

É muito de lamentar, e com isso perde o escotismo em geral, tudo quanto nos revela aquele «contacto». Os males, porém, não são de agora. Já em 4-VI-71 dirigimos aos membros do Conselho Nacional do C. N. E. de que fazíamos então parte, como Chefe Regional do Porto (que fomos durante 7 anos até 1972), as seguintes palavras: «Como sucede com as pessoas singulares, também as colectividades têm as suas crises. Assistimos mesmo a crises que, em princípio, não deviam acontecer, mas de cujos perigos nos tranquiliza a santidade da Instituição. O nosso C. N. E. tem vindo a passar uma grande crise cujo fim não se vê desenhar e longe de nós querermos que chegue pela ordem natural das coisas». Também então a noite de sábado foi ocupada com uma comunicação (para além do relatório que havia para discutir) sobre a qual se não admitiam quaisquer reparos...

Não vamos aqui revelar, para não nos contradizermos, os factos que pusemos à consideração dos membros do Conselho Nacional do C. N. E. em 1971, mas sem qualquer resultado ou atenção sequer pelos da agora «discordante» Junta Regional de Lisboa. Não vamos também repetir e dar publicidade aos factos ocorridos quanto à Junta Regional do Porto, nas vésperas do Conselho Nacional do C. N. E. em 1972, e que foram objecto de um comunicado do Chefe Regional reservado a determinadas entidades escutas, factos a que se pediu um inquérito que foi negado. O que não podemos é deixar de relacionar todos estes vícios de funcionamento da associação escotista portuguesa que, embora mais nova no país, maior número de elementos da fraternidade mundial do escotismo alberga.

Causa pena que esta crise ainda não esteja debelada. Sentimo-lo como membros da fraternidade mundial, como portugueses e como católicos, já que está em causa uma associação nacional destinada apenas a católicos.

A experiência que nos vem de termos entrado para o Movimento em 1932 e de sete anos de chefia regional a que competia a qualidade de membro do Conselho Nacional, o estudo e elaboração de um novo Estatuto para o C. N. E. que, com poucas alterações, veio a ser aprovado pelo Conselho Nacional, embora nunca submetido pela Junta Central à aprovação das instâncias oficiais, como se impunha, dá-nos autoridade para termos opinião quanto ao modo de solucionar a crise que afectua a associação de que apenas católicos podem fazer parte. E para reforço do nosso ponto de vista, abonam-nos ainda com a qualidade de actual membro da Comissão Permanente do Conselho de Leigos da Diocese do Porto.

Em primeiro lugar, o C. N. E. terá que ser considerado e reestruturado como uma associação de escutas (termo que adoptou para traduzir «scouts») e por isso integrada na Conferência Mundial do Escotismo. Ser uma associação de escutas implica a existência de uma direcção ou junta central, como órgão próprio. A formação dessa direcção há-de verificar se democraticamente, como democraticamente se escolhe o guia de uma patrulha e como democraticamente se elege o *Comité* Mundial. É assim no escotismo. Os membros de uma patrulha, células base do método escotista, votam entre si qual o que há-de ser seu guia, a Conferência Mundial do Escotismo (constituída por delegados das associações reconhecidas) elegem os membros do *Comité* Mundial (que são eleitos a título pessoal). Também os agrupamentos, como constituintes da associação, é que devem eleger a direcção nacional, a Junta Central do C. N. E. Tal como funcionam os órgãos directivos e representativos do C. N. E., não têm sentido. O Conselho Nacional presentemente é constituído por dirigentes superiores, de região para cima, os quais são nomeados pela própria Junta Central e é esse Conselho assim constituído que elege os membros da Junta Central!

Por outro lado não se pode confundir assistência eclesiástica ou religiosa com direcção da associação. Ainda que sob um ponto de vista estreitamente católico, as associações de escoteiros são obra de leigos e para leigos e por isso devem ser dirigidas por leigos e não por sacerdotes. E não se pode temer pela ortodoxia do comportamento dos escoteiros dentro das suas unidades, porque isso seria negar ao escotismo o seu valor educativo e formativo sob o ponto de vista religioso. Disse-o o Fundador B.-P.: «Uma organização como a nossa faltaria à sua finalidade se não infundisse nos seus associados a prática da religião». Por isso os assistentes religiosos, quer católicos, quer de qualquer outra confissão, são necessários para assistir os respectivos crentes na prática da religião própria. A Igreja Católica, ao patrocinar uma associação de escoteiros, como ao patrocinar um simples grupo de escoteiros de uma associação não confessional, fá-lo porque reconhece o valor do escotismo em si. Deverá, assim, o C. N. E., como associação escotista, ser deixado à livre e efectiva direcção de chefes e dirigentes leigos, ocupando os assistentes eclesiásticos o lugar, aliás importante, que lhes compete. Realizada esta segunda condição para o restabelecimento da normalidade associativa e até escotista, também simultaneamente se aproveitarão as lições da própria Igreja Católica pelo seu Concílio Vaticano II.

Se tal não acontecer, se o C. N. E. não tomar os caminhos apontados, correrá o risco de que a sua crise se agrave e então se assista tanto ao aparecimento de associações regionais de agrupamentos, com eleição de direcções e chefias próprias, como à desassociação de algumas unidades, o que tudo será um golpe profundo no escotismo em Portugal.

Mais associações e muito menos de regiões não pode haver; grupos sem filiação numa associação reconhecida não serão de escutas nem de escoteiros.

(*) **Nota** — «Grupo» de escoteiros designa-se em inglês «group», em espanhol «grupo», em francês «groupe» e em italiano «gruppo». Porém, o C. N. E. usa a designação de «agrupamento», semelhantemente aos catalães que usam o termo «agrupament», reservando o C. N. E. a palavra «grupo» para significar a «tribo» (em inglês «scout-troop», em espanhol «tropa», em francês «troupe», em italiano «riparto» e em catalão «secció»). O «grupo» compõe-se de «alcateia» («wolf cub pack», «manada», «meute», «branco», «estol», respectivamente nas línguas referidas), de «tribo» e de «clã» (em inglês «rover crew» e «clan» em todas as outras apontadas línguas). Esta diferença de terminologia em duas associações do mesmo país causa os maiores inconvenientes e exige a maior atenção na leitura das publicações escotistas segundo a filiação do autor ou tradutor. Pena é que, a bem do Movimento em que todos acredtam, já que não é possível uma unidade associativa ou uma federação, ao menos se não façam acordos de uniformização de terminologia e até de provas e insígnias entre a Associação dos Escoteiros de Portugal (fundada em 1913) e o Corpo Nacional de Escutas (fundado em 1923).

Dos amigos do «Sempre Pronto»

FALECIMENTO — Em 14 de Julho passado, faleceu o sr. António da Cruz Bernardo, de 82 anos de idade, pai da sr.ª D. Irene Bernardo Nobre Santos, esposa do sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, escoteiro-chefe-geral adjunto.

«Sempre Pronto» apresenta a estes estimados amigos condolências muito sentidas.

ANTIGOS ESCOTEIROS 1950

Forum Europeu de Antigos Escoteiros e Guias (Escoteiras)

A Fraternal de Antigos Escoteiros e Guias da Áustria convida os seus companheiros da Europa para participar neste Forum, que se realizará em Grossarl, Pongau, montanha com 920 metros acima do nível do mar, no vale perto de Gastein Vale.

Esta Conferência terá como presidente honorário o Governador do Estado Federal de Salzburgo, Dr. Hans Lechner, bem como o patrocínio da Unesco, Associação do Estado de Salzburgo. Os Antigos Escoteiros Austríacos lembram aos seus convidados a tradicional hospitalidade do povo local, que justificou a conhecida sentença: «Grossarl vale bem uma viagem».

O programa do Forum é variado e muito interessante, tendo sido convidado o sr. Gaston Ihorn, ministro do Grão-Ducado do Luxemburgo, para abrir a discussão, que versará temas sociais, de educação, de animação, como fazer amigos, etc. Estão planeadas excursões, exposição de filatelia escoteira, sessões audio-visuais, música, etc. Na igreja paroquial de Grossarl haverá um concerto que será executado pela Banda de Trompetes de Salzburgo, e ainda pelo Coro de Folclore de Salzburgo.

Se entre antigos escoteiros portugueses houver interessados em participar nesta agradável reunião, a Fraternal, com sede na Rua de S. Paulo, 25 4-1.º em Lisboa, dará todos os esclarecimentos.

«A NOVA CANÇÃO»

Concurso dedicado à Juventude Europeia com vista à criação de novas canções

O Forum Europeu de Antigos Escoteiros leva a efeito este ano este concurso em que são admitidos concorrentes de idade inferior a 30 anos de qualquer nacionalidade.

Os concorrentes podem apresentar uma ou várias canções, na condição de serem composições originais da sua autoria, não sendo obrigados a perfilhar qualquer estilo que seja. Os trabalhos a apresentar podem ter um carácter folclórico, assim como artístico (canção para piano, por exemplo). Os arranjos (no género da música *pop*) não serão aceites.

Interpretação: a interpretação poderá destinar-se a um ou diversos solistas vocais, acompanhados de diversos instrumentistas (por exemplo, guitarristas, pianistas ou outros executantes, num máximo de 5); ou a um coro (a uma ou diversas vozes).

Textos: São os concorrentes que devem escolher os textos segundo o seu desejo, os quais devem ser redigidos em alemão ou na língua maternal do concorrente.

Tenha-se em atenção que as leis em vigor exigem que, antes que um texto protegido seja musicado, o autor ou o editor que possui o *copyright* dê autorização nesse sentido.

Apreciação: O critério predominante terá em consideração a linha melódica de canção e, em segundo lugar, a boa qualidade do texto. Também será tida em linha de conta a orquestração.

Prémio: haverá um prémio de 10 000 xelins austríacos, oferecidos pelo Forum Europeu dos Antigos Escoteiros, mediante um donativo feito pela cidade de Salzburgo.

A recepção dos trabalhos termina em 1 de Novembro p. f., os quais serão endereçados a:

Europäiches Altpfadfinder-Forum Grossarl
Vizepräsident Erich K. Cevela.
Johannes-Filzer-Strasse 28
A-5020 Salzburg (Áustria).

O júri será composto pelos professores César Bresgen, J. Friedrich Doppelbauer, Ernst Hinreiner, Ernst Leitner e Albin Reiter.

O concurso é organizado em colaboração com a Academia Musical de Salzburgo, o *Mozarteum*, e os estúdios desta cidade da ORF (Radiotelevisão Austríaca) e está prevista a transmissão pela rádio das obras premiadas.

PORTUGAL

A Fraternal dos Antigos Escoteiros efectua mais uma vez o «Acampamento dos Antigos»

Mais uma vez, a Fraternal realiza o «Acampamento dos Antigos», que este ano foi dividido em dois períodos, a fim de permitir uma frequência maior que a verificada nos anteriores. O primeiro período, estendeu-se de 3 a 18 do passado mês de Agosto, tendo havido em 17 o fogo do conselho e, no último dia, o «almoço da amizade», ambos os acontecimentos bastante concorridos e que decorreram no meio de grande agrado dos presentes.

Durante o mês de Setembro — de 6 a 15 — decorre o segundo período, o qual finalizará com uma festa de campo no último dia, às 17 horas.

O preço da inscrição é de 15$00 por pessoa.

NÃO INCENDEIE A SUA GARAGEM

Precavenha-se contra um possível incêndio na sua garagem, tendo à mão um extintor e um caixote de areia. Além disso, siga alguns conselhos básicos como:

— Nunca entre na garagem de cigarro aceso na mão ou na boca;

— Não accione a ignição, sem ter primeiro arejado o ambiente;

— Não tenha trapos embebidos em óleo, especialmente espalhados pelo chão;

— Se tiver de abastecer o depósito com gasolina, não tenha o motor em funcionamento.

E se ocorrer um princípio de incêndio:

— Se gasolina a arder estiver derramada no chão, cubra-se imediatamente com areia;

— Se as suas mãos estiveram sujas de gasolina inflamada, mergulhe-as na areia e depois envolva-as num pano húmido;

— Se se lhe inflamar a roupa, role-se no chão;

— Se se pegar aos fios eléctricos, interrompa o circuito e sufoque as chamas com trapos ou areia, se não tiver extintor;

— Se se incendiar o motor, corte imediatamente o contacto, e abafe-o com uma cobertura ou, de preferência, use um extintor.

Não albergue na sua garagem, um dos piores inimigos: o fogo (Centro de Prevenção e Segurança).



Grupo 31

Este grupo continua a revelar um apreciável espírito de iniciativa, que registamos com prazer.

De uma das ordens de serviço, recentemente publicada, respigamos o seguinte passo:

«Nos outros grupos e nos responsáveis por eles conhece-se a existência do nosso, mas ainda ninguém se dedicou a *pensar em nós e a dar-nos o seu parecer por escrito*. Nós também ainda não o fizemos aos outros grupos, mas estamos a meditar um pouco: — Valerá a pena? Será aceite esta entreajuda na historiação (logicamente escrita) do pensamento mútuo?

— Pensemos nisto!

Excursão

Os escoteiros, amigos, sócios, auxiliares e familiares promoveram em 21 de Julho um passeio de confraternização, tendo sido visitado o Cabo da Roca, Ericeira, Praia de Santa Cruz, Peniche, Nazaré, Alcobaça e Vila Franca de Xira.

Esta actividade deixou a melhor impressão em todos os que nela participaram.

Programas de actividades

Foram programadas as seguintes actividades:

PROGRAMA A — REUNIÃO DE ALCATEIA

Relato da semana: 15 minutos de relato pelos lobitos da sua acção durante a semana.

«O Grande Uivo».

Teatro sobre Maugli: imitação de passagens do *Livro da Selva*, pelos lobitos.

Canções.

Nós: competição em rapidez.

As máximas da selva
Saudação do lobito.
Fecho da reunião.

PROGRAMA B — REUNIÃO PATRULHAS

Saudação
A Lei do Escoteiro
Jogo «Pronto a falar» (criação deste grupo)
«Nós pensamos»: estudo de uma actividade
Opinião: estudo de opinião a apresentar à chefia
Momentos de leitura
Tempo livre
Saudação
Gritos escotistas
Despedida
Fim da reunião.

Grupo 2

ACAMPAMENTO INTERNACIONAL — No dia 29 de Julho p. p., partiram para Londres 30 escoteiros deste grupo, que foram tomar parte num acampamento internacional em Henthfield, no Sussex (Inglaterra), para o que foram convidados pelo grupo de escoteiros local.

Durante a sua estadia ali, os escoteiros fizeram diversas visitas de interesse cultural.

ASSINANTES DO BRASIL

Pagamento de Assinaturas

Em Abril passado, publicámos a informação de que o pagamento das assinaturas do «Sempre Pronto» pode ser feito na

AGÊNCIA FINANCIAL DE PORTUGAL
Avenida Presidente Vargas, 62
Rio de Janeiro

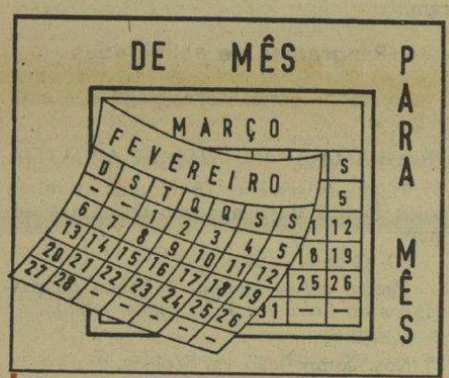
por transferência para Lisboa, para «Sempre Pronto» — Mensário, conta de depósito n.º 373 283 — 6.

Devemos no entanto, acrescentar, segundo informação agora recebida, que é necessária a apresentação de documento que justifique a transferência. Os nossos estimados assinantes devem por isso e previamente solicitar-nos a remessa de uma factura.

António Augusto da Silva e Cunha

Este nosso prezado amigo e dedicado dirigente escotista, que se encontra presentemente no Luso (Angola), acaba de distinguir este jornal com um generoso donativo de mil escudos.

Agradecemos desvanecidos a colaboração deste estimado companheiro.



UMA SÓ NÓDOA!

Que coisa tão aborrecida é a nódoa! Uma só nódoa é suficiente para causar a maior contrariedade. Ela obriga a meter na lexívia a alva toalha que devia alegrar a mesa da festa. Por uma só nódoa, fica inutilizado o fatinho que, na mesma festa devia brilhar. Tenhamos muito cuidado com as nódoas, para evitar desgostos.

Aquele escoteiro (?) que, durante a última actividade regional, dialogava com um seu camarada em termos soezes, ordinários, era autêntica e indesejável nódoa naquela agradável reunião. De facto, num ambiente escoteiro, entre rapazes que de sua livre vontade prometeram por sua honra ser puros no pensamento, nas palavras e nas acções, a obscenidade surge como detestável nódoa. Cuidado! Que nenhum de nós queira ser a nódoa que vai inutilizar a melhor prenda.

TEMPO DE REFORMAS

Continuação da pág. 1

capaz de desfazer muros de justificável dúvida.

Aos jovens estudantes, oriundos de camadas mais favorecidas das populações citadinas, que vão partir ao encontro desse *Portugal desconhecido,* a quem vão transmitir a luz dos seus conhecimentos, não pode faltar a humildade e a sincera predisposição de colherem por lá maravilhosas lições de amor e de rude firmeza e lealdade, que são riqueza bem grande dessa gente simples que nada mais tem para oferecer em contrapartida. O respeito por todos esses sentimentos e a consciencialização de que o seu labor árduo são também uma força na reconstrução do País não pode estar fora do programa dos forasteiros.

A democracia pressupõe mais dar que receber. E ela se constrói tanto com a inteligência dos intelectuais clarividentes como com o braço leal e forte dos trabalhadores esforçados, desde que a todos iguale o conceito de honra, da lealdade e da justiça.

Que cada um ofereça o que puder, num gesto altruísta e consciente de quem trabalha não para si mas para o bem comum.



Grupo 77 — Faro

Campo de Férias

Este Grupo organizou um campo de férias num pinhal do Sítio da Arábia, próximo de Faro, que está aberto a todos os escoteiros do país.

O pinhal tem acesso directo à praia de Faro, de que está distante 1 quilómetro, e é um local excelente para férias.

O campo foi inaugurado no dia 25 de Agosto, com a presença de escoteiros e aspirantes deste grupo e ainda alguns antigos escoteiros também do grupo, como os nossos camaradas Mário Isidoro Dias, Augusto Martins, antigos escoteiros-chefes ajudantes nos anos de 1930 e 1936, Coronel Hugo R. da Silva, Dr. Manuel António da Silva Júnior, Mário José da Encarnação e Jaime Brito da Torre, além dos escoteiros fundadores do grupo José Filipe Mendonça e Julião Pestana.

O campo funcionará até ao dia 29 de Setembro, se o tempo o permitir e a frequência o justificar.

São aceites as inscrições de escoteiros, quer individualmente, quer em grupos ou patrulhas, desde que se possam identificar por meio do cartão de filiado da AEP.

A alimentação ficará a cargo dos interessados, a não ser que, estando presente o Grupo 77, este confeccione a comida, contribuindo cada qual com a sua quota-parte no serviço e na despesa efectuada.

Quando o número de presenças for superior a 6, será nomeado um chefe de campo permanente, o qual velará pela boa disciplina e tomará as medidas que se mostrarem convenientes.

«O Regime Tributário dos Rendimentos de Capitais»

O Banco Totta & Açores acaba de publicar, em elucidativa *plaquette,* um estudo sobre a evolução, caracteres, incidência, taxas, matéria colectável, liquidação, cobrança e legislação dos impostos de capitais, de mais-valias, sucessório por avença, do selo de averbamento por avença, complementar e complementar por avença, e as opções possíveis aos titulares de valores mobiliários e agenda de obrigações fiscais.

Trata-se de uma publicação, de redacção clara e objectiva, muito útil aos que tenham a sua actividade ou interesses relacionados com estes problemas.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 5$00 — Assinatura anual: 60$00